Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

O Podcast como Ferramenta Inclusiva na Educação Infantil

Maria Abreu da Silva Oliveira Lima (UNICARIOCA)
mariaoliveiramestrado@gmail.com
Rosa Lidice de M. Valim (UNICARIOCA)
rvalim@unicarioca.edu.br
Veronica Eloi de Almeida (UNICARIOCA)
veronicaeloi@hotmail.com

Resumo. Este artigo questiona: como agregar o podcast e a literatura com a finalidade de possibilitar novas práticas pedagógicas no processo de inclusão na educação infantil? Acredita-se que o podcast pode ser utilizado em diferentes áreas educacionais como uma ferramenta da cibercultura, podendo auxiliar pessoas com diferentes tempos para processar informações, pessoas com deficiência/limitação visual, dentre outros. Acredita-se também que o podcast, se utilizado no contexto educacional, tende a possibilitar mais autonomia ao educando. Objetiva-se apresentar contornos relativos a conversas informais realizadas por ocasião de preliminar de pesquisa. Análise dos dados sugere que o uso de podcasts em salas de aula tende a viabilizar uma participação mais ativa dos alunos, que podem tornar-se, assim, construtores do próprio conhecimento.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Podcast; Educação infantil.

Abstract. This article proposes the following question: how to combine podcasts and literature in order to enable new pedagogical practices in the process of inclusion in early childhood education? Podcasts can be used in different educational areas as a cyberculture tool, to help people with different times to process information, as well as people with disabilities/visual limitations, among others. Also, podcast, if used in an educational context, tends to provide more autonomy to the student. This article aims to present contours related to informal conversations held during preliminary research. The data analysis suggests that the use of podcasts in classrooms tends to enable a more active participation of students, who can thus become builders of their own knowledge.

Keywords: Digital technologies; Podcast; Child education.

1. Introdução

Para Nozi e Vitaliano (2017), as práticas inclusivas devem utilizar métodos diversificados, visto que as crianças aprendem de modos e ritmos diferentes. Nesse sentido, percebe-se como é importante que a escola tenha atitudes positivas frente a todos os alunos, procurando não deixar de fora desse processo os alunos com deficiências ou dificuldades na aprendizagem.

Os desafios que enfrentamos na atualidade estão relacionados a ensinar e aprender atrelados ao novo modelo de educação, que está voltado para as novas tecnologias da informação e do conhecimento (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2007). Isto posto, acredita-se ser fundamental que o professor seja mediador e utilize projetos de forma colaborativa e participativa, equilibrando o planejamento com a criatividade, criando conexões com o cotidiano e as necessidades dos alunos. Afinal, é o professor que vai ajudar o ser humano a ser humano (CANDAU, 2008), ou, nas palavras de Freire (1997), o homem não nasce pronto e acabado, e a educação pode ajudar nesse processo, pois aprender é o complemento da formação do sujeito como humano – ele aprende nas relações de diálogo e aproximação com o outro.

Neste contexto, surge o podcast como mais uma alternativa de ferramenta da cibercultura, possuindo variadas vantagens de utilização, podendo ser empregado em diferentes âmbitos e áreas educacionais. O podcast deve ser compreendido como um arquivo de áudio – caso tenha vídeo, transforma-se em videocast – sobre os mais diversificados temas das áreas do conhecimento. Podcasts podem ser disponibilizados em ambientes virtuais variados e seu emprego como ferramenta didática pode levar à desconstrução do modelo paradigmático atual, agregado à figura do professor como detentor exclusivo do conhecimento, que procura entregar conteúdos aos alunos, sujeitos passivos no processo.

Tendo em mente o que foi postulado acima, questiona-se: como agregar didaticamente o podcast e a literatura na infância, com a finalidade de possibilitar novas práticas pedagógicas frente a atitudes positivas dos professores e demais sujeitos que integram as instituições escolares, fortalecendo o processo de inclusão na Educação Infantil? Considera-se que o podcast possibilita mais autonomia ao educando, pois este pode decidir o que e quando ouvir, bem como pode produzir conteúdo temático sobre o que estiver estudando, de forma mais dinâmica. Assim, acredita-se que essas possibilidades fazem com que o podcast contribua para que o educando seja capaz de construir o seu próprio conhecimento (BOTTON; PERIPOLLI; SANTOS, 2017; CATHARINA, 2015). Portanto, afirma-se que o podcast pode ser utilizado em diferentes áreas educacionais como uma ferramenta da cibercultura, podendo auxiliar pessoas com diferentes tempos para processar as informações, bem como pessoas com deficiência/limitação visual, dentre outros.

Este artigo objetiva apresentar contornos relativos a conversas informais realizadas por ocasião de preliminar de pesquisa, segundo orientações da Resolução nº 510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

2. Caminhos metodológicos

As Resoluções nº 466, de 2012, e nº 510, de 2016, ambas do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016), determinam procedimentos éticos específicos para investigações com seres humanos que utilizem abordagens das ciências humanas e sociais. Segundo Valim e Maciel (2019), a Resolução nº 510, em seu Capítulo I, Artigo 2º, Inciso XII, trata dos termos e definições e explicita quais são as etapas preliminares de uma pesquisa de campo:

> (...) são assim consideradas as atividades que o pesquisador tem que desenvolver para averiguar as condições de possibilidade de realização da pesquisa, incluindo investigação documental e contatos diretos com possíveis participantes, sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas; não devendo ser confundidas com "estudos exploratórios" ou com "pesquisas piloto", que devem ser consideradas como projetos de pesquisas. Incluem-se nas etapas preliminares as visitas às comunidades, aos serviços, as conversas com liderança comunitárias, entre outros (BRASIL, 2016 apud VALIM; MACIEL, 2019).

As conversas desenrolaram-se sobre o seguinte tópico: reflexões a respeito das alternativas pedagógicas para utilizar o podcast como uma ferramenta digital capaz de apoiar as atividades em sala de aula, no desenvolvimento da linguagem oral e oportunizar novas aprendizagens na educação infantil. Já a análise dos dados deu-se a partir de categorias oriundas de inferências extraídas das conversas.

As conversas associadas à preliminar de pesquisa aqui apresentada ocorreram no terceiro bimestre do ano letivo de 2022, especificamente no mês de outubro, na Escola Municipal Haydéa Vianna Fiúza de Castro, localizada na cidade do Rio de Janeiro - RJ. Tal instituição atende crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II, em período parcial, com turmas no turno da manhã e turmas no turno da tarde, sendo 25 crianças atendidas por professor(a)/turma.

O Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) tem como proposta abrigar a creche e a pré-escola num mesmo ambiente físico, facilitando a permanência dos mesmos grupos de crianças em uma única unidade escolar durante a Educação Infantil, favorecendo o melhor monitoramento do desenvolvimento ao longo dos anos. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro - SME/RJ, esse novo modelo público de atendimento à primeira infância tem como objetivo principal o atendimento de crianças entre 3 meses e 5 anos e 11 meses, através de uma proposta pedagógica que atenda às suas necessidades de desenvolvimento, com uma rotina e relações estáveis que proporcionem um sentimento de pertencimento, confiança e segurança, promovendo uma base de crescimento e desenvolvimento infantil saudável.

Inicialmente, foram realizadas conversas informais com uma professora e um professor regentes de Educação Infantil que atendem crianças da pré-escola, com idades a partir de 4 anos, e uma AAEE (Agente de Apoio à Educação Especial) que atende crianças com deficiências, com ou sem laudo.

Não houve modelagem prévia do que seria conversado, mas, inicialmente, ocorreu uma explanação rápida a respeito do que os profissionais da Educação Infantil entendiam sobre a importância de trabalhar a inclusão escolar a partir do uso de ferramen-

tas digitais, dentre elas o podcast, dessa forma, as discussões tangenciaram assuntos relacionados ao tema da pesquisa: o podcast como ferramenta inclusiva na Educação Infantil. As conversas foram pautadas pela informalidade e todas as reflexões que emergiram foram anotadas.

A preliminar de pesquisa auxiliou na modelagem dos contornos do campo da dissertação que deu origem a este artigo. Para além, informa-se: a dissertação vinculada a este artigo tramitou na Plataforma Brasil e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro – parecer nº 6.007.599.

Os dados referentes às conversas da preliminar de pesquisa foram analisados à luz de material bibliográfico pertinente. Para tanto, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, de Bardin (2016), constituída pelas etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Certos autores foram primordiais para as reflexões bibliográficas, a saber: 7, Masetto e Behrens (2000), que discorrem sobre inovação no ensino e aprendizagem, graças ao uso de tecnologias; Araújo (2012), que reflete sobre transformações significativas nas formas do trabalho pedagógico que permitiram que os docentes aprimorassem cada vez mais a qualidade do processo de ensino-aprendizagem; e Piaget (1976), que postula sobre a construção do conhecimento pelo indivíduo na sua interação com o ambiente. Destacaram-se ainda as contribuições de: Lévy (1993), que discorre sobre a ética relacionada aos artefatos tecnológicos; Botton, Peripolli e Santos (2017), que tratam de aspectos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem; e Catharina (2015), que discorre sobre o podcast e as possibilidades de seu uso na educação. Para além, as orientações da BNCC (BRASIL, 2018) e da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) foram de grande importância para o debate aqui proposto.

3. Achados e discussões

Os achados da preliminar de pesquisa foram obtidos a partir de conversas informais com três profissionais de Educação Infantil da Escola Municipal Haydéa Vianna Fiúza de Castro: uma professora e um professor regentes de Educação Infantil que atendem crianças de pré-escola, com idades a partir de 4 anos, e uma AAEE (Agente de Apoio à Educação Especial) que atende crianças com deficiências, com ou sem laudo.

A seguir (Quadro 1), inferências extraídas das anotações das conversas. Tais inferências foram, posteriormente, agrupadas em categorias que serviram de base para a análise de dados.

Quadro 1. Inferências extraídas das conversas realizadas por ocasião da preliminar de pesquisa

Conversa nº (Pseudônimo)	**Inferências**
Conversa 1 (Simone)	1. [Sobre crianças de 4 até 6 anos] Para além das necessidades de sua faixa etária, as crianças com deficiências podem apresentar atrasos no desenvolvimento e socialização. Por isso, a falta de acompanhamento multidisciplinar (terapias diversas) e a ausência da participação ativa da família dificultam o trabalhado realizado no espaço escolar. 2. Questões como sala de aula com capacidade máxima e falta de infraestrutura material e humana são constantes e afetam as atividades desenvolvidas com alunos. 3. Demanda aluno/profissional de apoio por vezes é insuficiente para atender a todos. 4. O aluno com deficiência não pode ser excluído do acesso às novas tecnologias, pelo contrário, é preciso que tenha acesso e saiba utilizar. Não há mais espaço para segrega-

	ção, porém, é preciso que os direitos das crianças com deficiências não sejam apenas garantidos por lei, mas também cumpridos. 5. *Tablets* e *notebooks* que existem na escola não funcionam, e a internet não é constante, o que impossibilita o uso de aparelhos como TV e caixinhas de som. 6. Crianças gostam de ouvir histórias, principalmente clássicos infantis. Por isso, ferramentas como *podcast* abrem um leque de possibilidades.
Conversa 2 (Dandara)	1. Ausência de informações para professores sobre as crianças com deficiência matriculadas em sua classe é um desafio. 2. Muitos pais não aceitam a deficiência de seus filhos, o que dificulta o trabalho integrado. 3. Faltam mediadores na escola para colaborar nesse processo de inclusão das crianças com deficiência dentro de uma turma regular. 4. Ausência de orientações e formação continuada para os professores dificulta o trabalho desenvolvido com as crianças, isso porque, na maioria das vezes, os professores não sabem como lidar com (e potencializar o aprendizado das) crianças que apresentam deficiências. 5. Crianças com alguma deficiência, em sua maioria, não gostam de dançar, porém, demonstram gostar muito de ouvir músicas, sentem a necessidade de testar os objetos, sentir, tocar, mexer na terra, correr livremente, subir nos brinquedos, enfim, explorar todos os espaços externos da escola. 6. Crianças mostram interesse nos contos clássicos. 7. Crianças não têm muito contato com a literatura em casa, mas gostam de assistir desenhos de super-heróis e princesas. 8. Tecnologias são instrumentos que podem ser utilizados com todas as crianças, entretanto, para que isso ocorra, serão necessários investimentos institucionais na infraestrutura, além de capacitação e incentivos aos docentes em sala de aula.
Conversa 3 (Pablo)	1. Há problemas com a formação inicial e continuada dos professores, de modo geral. 2. Teoria e prática docente precisam estar alinhadas, apenas assim será possível um trabalho adequado e inclusivo, no espaço escolar, junto a crianças que possuam alguma deficiência. 3. Escolas operam, muitas vezes, com equipes que possuem formação mínima sobre o tema inclusão. 4. Nas escolas da rede pública, em geral, há carência de recursos humanos e pedagógicos. 5. É desafiador tentar incluir crianças deficientes sem profissionais capacitados e sem espaços adaptados. 6. Faz-se necessária uma transformação nos processos educativos e nas práticas pedagógicas para uma inclusão escolar mais eficaz. 7. Crianças gostam bastante do momento de leitura de histórias. 8. O *podcast* pode ser considerado um importante instrumento a ser apresentado para as crianças desde a Educação Infantil, mas professores precisam ser instruídos sobre as potencialidades desta ferramenta e capacitados para seu uso dentro do contexto escolar.

Fonte: elaborado pelas autoras.

As inferências propostas acima foram analisadas e agrupadas em cinco categorias, a saber: (1) carência de infraestrutura institucional para inclusão, (2) formação continuada, (3) poder do lúdico, (4) papel da família e (5) podcast apresenta potencialidades.

Em 2019, havia, na escola que serviu de campo para esta pesquisa, duas crianças consideradas deficientes e, agora, em 2022, há sete, todas com laudos. Existem outras quinze crianças ainda sem laudos, mas sob investigação, recebendo acompanhamento. Tem-se, então, que em 3 anos a quantidade de crianças com deficiência passou de duas

para vinte e duas. Se, por um lado, este salto expressivo revela maior inclusão, por outro, também incita os seguintes questionamentos: estariam as escolas da rede pública preparadas para lidar com esse aumento significativo no número de alunos com deficiência? É verdade que ajustes demandam tempo, mas quanto tempo será necessário para que as escolas se ajustem à nova realidade? O Artigo 205 da Constituição da República Federativa do Brasil postula que:

> A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, não paginado).

A carência de infraestrutura institucional para inclusão é flagrante nas unidades da rede – haja vista as afirmações de Simone, Dandara e Pablo –, e isto se deve, possivelmente, à falta de repasse de verbas do município às escolas.

> Infelizmente, os tablets e os notebooks que existem na escola não funcionam, e a internet não é constante, o que impossibilita o uso de aparelhos como TV e caixinhas de som. Questões como sala de aula com capacidade máxima e falta de infraestrutura material e humana são constantes, o que também afeta as atividades desenvolvidas com os alunos. Outro ponto é a demanda aluno/profissional de apoio, que por vezes é insuficiente para atender a todos. [Simone]

> Fico angustiada com a falta de mediadores na escola para colaborar nesse processo de inclusão das crianças dentro de turma regular. É desafiador trabalhar inclusão em uma turma lotada com mais de vinte e cinco crianças e sem mediador. [Dandara]

> Como incluir uma criança deficiente sem profissionais capacitados e sem espaços adaptados? Como promover a inclusão em condições tão desfavoráveis? [Pablo]

Assim, hoje, observam-se enormes dificuldades enfrentadas pelos professores de Educação Infantil nas unidades da rede municipal: carência de profissionais especializados que apoiem e colaborem com os docentes para o desenvolvimento de estratégias para potencialização do ensino-aprendizagem de crianças com alguma deficiência; carência de infraestrutura adequada para inclusão nas unidades escolares, especialmente infraestrutura de apoio; carência de formação continuada dos profissionais de Educação Infantil, que acaba se manifestando na falta de estratégias e técnicas pedagógicas que viabilizem práticas de trabalho mais inclusivas – este último fato apontado por afirmações de Dandara e Pablo.

> A ausência também de orientações e formação continuada para os professores dificulta o trabalho desenvolvido com as crianças, isso porque, na maioria das vezes, os professores não sabem como lidar ou ajudar as crianças que apresentam deficiências. [Dandara]

> Há problemas com a formação inicial e continuada dos professores [...]. Existem escolas com equipes com uma formação mínima sobre o tema. [Pablo]

De acordo com Marques et al. (2022):

> A aprendizagem ocorre por meio das relações dialógicas que possibilitam expressar opiniões, pensamentos, vontades e compreensões, construídas a partir das relações com o outro. No caso concreto do espaço educacional, propõe-se a interação dialógica entre professor e aluno, na qual o diálogo na educação é a possibilidade de todas as vozes dos autores da aprendizagem serem ouvidas, acolhidas e respeitadas (MARQUES et al., 2022, p. 29).

Assim, se faz necessário que o educador assuma postura, dentro de sala de aula, de se fazer presente, com abertura, reciprocidade e compromisso diante da responsabilidade de educar. O professor precisa estar sempre se capacitando para aperfeiçoar sua prática pedagógica e assim poder transformar suas aulas, dando oportunidades educacionais para todos os educandos.

No decorrer das conversas associadas à preliminar de pesquisa, surgiram reflexões em relação às novas propostas pedagógicas de inclusão das crianças com deficiências no ambiente educacional. Os docentes constataram, de maneira unânime, que as crianças apreciam muito ouvir músicas, e muitas delas conseguem ouvir histórias contadas pelos educadores.

> As crianças gostam de ouvir histórias, principalmente os clássicos infantis: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, dentre outros. Por isso, ferramentas como podcast abrem um leque de possibilidades, como elas ouvirem suas vozes e isso ser trabalhado em sala para que se reconheçam, ou, ainda, as que verbalizam contarem suas histórias. [Simone]

> Crianças com alguma deficiência, na maioria das vezes, não gostam de dançar, porém, demonstram gostar muito de ouvir músicas, sentem a necessidade de testar os objetos, sentir, tocar, mexer na terra, correr livremente, subir nos brinquedos, enfim, explorar todos os espaços externos da escola. As crianças também mostram bastante interesse nos contos clássicos, como João e o Pé de Feijão, Os Três Porquinhos, gostam de histórias de lobo mal, bruxas e monstros. As crianças não têm muito contato com a literatura em casa, mas gostam de assistir desenhos de super-heróis e princesas. [Dandara]

> Crianças gostam bastante do momento de leitura de histórias, que é uma atividade diária com as duas turmas. Aproveito o momento da leitura para fazer variações na entonação da voz, sonoplastia e movimentos corporais. O momento acaba virando uma brincadeira. As crianças adoram essas leituras. [...] as crianças também gostam muito de brincar de cantar cantigas, como A Linda Rosa Juvenil, que envolve o convite a uma encenação. [Pablo]

Nota-se, assim, o poder do lúdico. Os avanços tecnológicos que permearam a educação nas últimas décadas transformaram significativamente as formas do trabalho pedagógico e permitiram que os docentes aprimorassem cada vez mais a qualidade do processo de ensino-aprendizagem (ARAÚJO, 2012). A partir do uso das ferramentas digitais, é possível que os professores criem planejamentos de atividades educativas mais criativas e motivadoras, bem como viabilizem a absorção de conhecimento e de diferentes competências e conteúdos por parte dos alunos.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil, criança é um:

> Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Pode-se, portanto, perceber que esse documento dá visibilidade à criança como produtora de cultura, logo, valoriza as interações, a coletividade, as narrativas e as criações nesse ambiente potente e rico que pode ser a escola. Para além, o documento reforça ainda que o currículo escolar deve ser composto por um "conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 5 anos" (BRASIL, 2010, p. 12). O documento ressalta, ainda, alguns princípios que devem ser respeitados ao se pensar a proposta pedagógica para a Educação Infantil:

> [...] éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010, p. 16).

Percebe-se, portanto, no documento em questão, a valorização da criança como quem cria, imagina, fantasia, aprende, ensina, brinca e interage, e como quem tem direitos. Percebe-se também a compreensão da modalidade da Educação Infantil como segmento de educação que precisa garantir experiências de cuidado, confiança, afeto, descobertas, vivências e conhecimento de si e do mundo.

O Artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), considera que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade. Nesse sentido, a primeira etapa da vida escolar das crianças visa formar estreitos vínculos com professores e funcionários, além de todas as situações de aprendizagem no dia a dia. Dentro desse clima de afeto e confiança, as crianças vão adquirindo segurança em suas próprias capacidades, vivenciando múltiplas oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e do prazer pelo conhecimento.

Dentro desse contexto, é preciso reforçar o papel social de todos os sujeitos associados ao universo relacional da criança, bem como o trabalho integrado que precisam articular para seu melhor desenvolvimento como ser social, incluindo-se aí o papel da família. Mas nem sempre esse alinhamento acontece, como ressaltam Simone e Dandara, seja por conta da falta de tempo dos pais para se fazerem mais presentes na escola, possivelmente devido à jornada de trabalho exaustiva, seja por conta da recusa dos pais ou responsáveis em aceitar a deficiência da criança.

> A ausência da participação ativa da família, dificulta o trabalhado realizado no espaço escolar. [Simone]

> Uma das minhas maiores dificuldades é que preciso trabalhar com alunos deficientes, mas não possuo informações sobre essas deficiências, muitas vezes porque os pais se recusam a aceitar a deficiência da criança. [Dandara]

Ou seja, os professores precisam atuar, mas também é necessário que os adultos pertencentes à família nuclear da criança (pais, avós, tios, irmãos, etc.) estejam alinhados com a escola e com o docente, compreendendo o planejamento pedagógico escolar, as estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem e estimulando a criança em suas tarefas, que tanto trabalham em prol do desenvolvimento cognitivo de habilidades analíticas e sociais.

De acordo com Araújo (2012):

> De fato, o uso de computadores, netbooks, notebooks, tablets e celulares em sala de aula ou fora dela, podem se transformar em excelentes instrumentos de acesso a conteúdos e vivências, permitindo que novas formas de aprendizagem se desenvolvam, através de editores de texto que fomentam a realização de oficinas de escritores, atlas interativo, lousas interativas, simuladores de experiências por meio de jogos educacionais ou simulações interativas, e assim por diante. (ARAÚJO, 2012, não paginado).

O uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no ambiente educacional tem sido um importante facilitador da aprendizagem. De acordo com Moran, Masetto e Behrens (2007, p. 12), “as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados à distância”. Nesse sentido, percebemos que as tecnologias desempenham um importante papel nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores, e o quanto é necessário que as TICs sejam compreendidas e utilizadas de forma que colaborem no processo educativo de ensino e aprendizagem.

Os avanços tecnológicos que permeiam a educação vieram para transformar significativamente as formas do trabalho pedagógico, ampliando o surgimento de novas competências e metodologias, permitindo que os docentes aprimorem cada vez mais a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. A partir do uso das ferramentas digitais, é possível que os professores facilitem a absorção de conhecimento de diferentes competências e conteúdos, além de criar e possibilitar o planejamento de atividades educativas mais criativas e motivadoras. O podcast como ferramenta digital pode facili-

tar a absorção de conhecimento tradicional por parte dos alunos, bem como o desenvolvimento de várias competências sociais/relacionais, como destacam Simone e Pablo.

> Ferramentas como podcast abrem um leque de possibilidades para o trabalho junto aos discentes. Podemos trabalhar em sala de aula para que eles ouçam as próprias vozes e se reconheçam, ou ainda trabalhem verbalização contando suas histórias. [Simone]

> O podcast pode ser um importante instrumento a ser apresentado para as crianças desde a Educação Infantil. Seria interessante que os professores soubessem das possibilidades associadas à criação de podcasts junto com as crianças, afinal, isso permitiria que elas vivessem esse processo criativo como uma experiência do cotidiano. [Pablo]

Nesse sentido, acredita-se que o podcast apresenta potencialidades gigantescas, pois opera em prol da construção do conhecimento, um processo complexo que envolve a interação entre o sujeito e o mundo que o cerca. A utilização de podcasts em sala de aula – a produção e o consumo deles – possibilita aos professores a criação de conteúdos autorais com os alunos, que podem ser focados em interesses, capacidades e potencialidades de cada participante; possibilita também trabalhar com os alunos a percepção de si e dos outros, além do compartilhamento de conhecimento na turma. Essa ferramenta pode viabilizar, se bem utilizada, uma participação mais ativa dos alunos, que podem tornar-se, assim, construtores do próprio conhecimento – aludindo aqui à teoria construtivista de Piaget (1976), que compreende que o conhecimento é construído pelo indivíduo na sua interação com o ambiente e que as pessoas podem ter um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento. Acredita-se que o podcast pode trabalhar em prol do desenvolvimento dos sentidos, emoções, pensamentos e experiências, em diferentes estágios do desenvolvimento cognitivo, contribuindo para a interpretação e compreensão das informações recebidas.

4. Considerações finais

O uso das tecnologias digitais vem sendo negligenciado no ambiente educacional, seja por falta de investimentos ou desinteresse por parte dos gestores institucionais. Por muito tempo, o uso das tecnologias nas escolas foi direcionado quase que exclusivamente aos laboratórios de informática e ao data show nas salas de aula, recebendo pouca atenção como recurso pedagógico. Além disso, os desafios encontrados nas instituições educacionais para o uso das tecnologias digitais são grandes, a saber: a ausência de infraestrutura adequada, a falta de treinamento e capacitação dos docentes para compreensão das potencialidades associadas a essas ferramentas e o baixo engajamento da família nuclear da criança.

A falta de apropriação das tecnologias da informação pelos professores tende a desacelerar o aprendizado e a capacitação de todos os personagens escolares perante o avanço tecnológico na educação, uma vez que o desenvolvimento tecnológico digital vem mudando a forma através da qual crianças e jovens se relacionam com os conteúdos formais e não formais aos quais possuem acesso. É fundamental entender e aceitar que as tecnologias em sala de aula não devem ser proibidas, mas, sim, estimuladas e disseminadas.

Urge que os profissionais da educação e as instituições de ensino reflitam sobre e procurem articular o uso criativo da tecnologia – podcasts aqui incluídos – para conferir mais dinamismo e ludicidade ao processo de ensino-aprendizagem. Tais reflexões devem passar por aspectos contextuais tangíveis e intangíveis, ou seja, por elementos de software e hardware, mas também por questões éticas, morais e psicossociológicas1. Aliás, mais do que nunca, reflexões éticas, morais e psicossociológicas se fazem necessárias, pois as tecnologias, como condicionantes ou constringentes, abrem aqui e fecham acolá muitas possibilidades que precisam ser compreendidas de forma contextualizada. Como postula Lévy (1993), uma técnica não é boa nem má, tampouco neutra, ela se presta ao uso que lhe é dado. Assim, o uso criativo da tecnologia para conferir mais dinamismo e ludicidade ao processo de ensino-aprendizagem precisa ser responsável, inclusivo, respeitoso e ético.

Referências

ARAÚJO, Thiago Cássio D'Ávila. Tecnologias educacionais e o direito à educação. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 17, n. 3395, 17 out. 2012. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/22819. Acesso em: 14 abr. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOTTON, Luciane de Avila; PERIPOLLI, Patrícia Zanon; SANTOS, Leila Maria Araújo. *Podcast* - uma ferramenta sob a ótica dos recursos educacionais abertos: apoio ao conhecimento. **Redin - Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 6, n. 1, out. 2017. Disponível em: https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/613. Acesso em: 14 abr. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

[1] Aspectos ligados à vertente da psicologia social que tem os grupos, as organizações e as comunidades como objetos de estudo, dando ênfase aos processos cotidianos, observando os sujeitos em situações concretas (GONÇALVES; YAMAMOTO, 2015).

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo, educação e direitos humanos. In: SACAVINO, Suzana; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Educação em direitos humanos**: temas, questões e propostas. Petrópolis: DP et Alli, 2008. p. 108-118.

CATHARINA, Franciele Santa. **Um estudo sobre os *Podcasts* na Educação Infantil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso [Especialização em Mídias na Educação] – Curso de Mídias na Educação – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Serafina Corrêa, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Ruth Maria de Paula; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Fundamentos teórico-práticos da psicologia social: um debate histórico e necessário. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, n. 32, p. 17-31, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2023.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARQUES, Marcela F. F. *et al.* Bakhtin e as relações dialógicas no ensino. In: MORAES, Regina; SOUZA, Neuza; VIANA, Elga (Orgs.). **A neuroeducação explorando o potencial humano**. Niterói: Sagarana, 2022.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2007.

NOZI, Gislaine Semcovici; VITALIANO, Célia Regina. Saberes de professores propícios à inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais: condições para sua construção. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 59, set/dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28080. Acesso em: 14 abr. 2023.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

VALIM, Rosa Lidice de Moraes; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. A importância da etapa preliminar de campo sistematizada pela Resolução nº510 do CNS para definição das Bases de uma Pesquisa Psicossocial. **Saúde Ética & Justiça**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 11-20, 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/157697. Acesso em: 14 abr. 2023.